

## DO CONTO AOS FATOS:

*A desigualdade revelada no conto “Minha vida de escola”, de Odailta Alves*

## FROM THE TALE TO THE FACTS:

*The inequality revealed in the tale “Minha vida de escola”, by Odailta Alves*



Revista dos Cursos de Letras e do Programa  
de Pós-graduação em Letras – Unifap

### FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 7/09/2025  
 Aprovação do trabalho: 29/09/2026  
 Publicação do trabalho: 13/10/2026

Adriana Ribeiro de Araújo    
[adriana.rib@outlook.com.br](mailto:adriana.rib@outlook.com.br)  
 Universidade de Pernambuco

### COMO CITAR

RIBEIRO DE ARAÚJO, Adriana. DO CONTO AOS FATOS: A desigualdade revelada no conto “Minha vida de escola”, de Odailta Alves. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 120-129, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1237>.

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar as desigualdades raciais expressas no conto “Minha vida de escola”, de Odailta Alves, relacionando-as às discussões educacionais sobre cultura, identidade e formação humana. A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter exploratório, fundamenta-se nas ponderações de Minayo (2009) e busca compreender como a literatura pode contribuir para uma educação antirracista e humanizadora. Para discutir o papel social e formativo da literatura, foram consideradas as reflexões de Antonio Candido (2006). O aporte teórico ancora-se nas contribuições pós-críticas e nos estudos culturais, em diálogo com as perspectivas pós-coloniais de Stuart Hall (2006) e Homi Bhabha (2013). A análise evidencia que a literatura de autoria negra feminina desempenha papel relevante na desconstrução de estereótipos e na valorização das identidades afrobrasileiras, oferecendo à escola caminhos para a promoção de uma educação mais plural e equitativa.

**Palavras-chave:** literatura negra feminina; racismo estrutural; educação antirracista.

### Abstract:

This article aims to analyze racial inequalities depicted in the short story “Minha vida de escola” by Odailta Alves, relating them to educational discussions on culture, identity, and human development. The research, qualitative and exploratory in nature, is based on Minayo (2009) and seeks to understand how literature can contribute to anti-racist and humanizing education. To discuss the social and formative role of literature, the reflections of Antonio Candido (2006) were considered. The theoretical framework is grounded in post-critical approaches and cultural studies, in dialogue with the postcolonial perspectives of Stuart Hall (2006) and Homi Bhabha (2013). The analysis shows that literature by Black women plays a relevant role in deconstructing stereotypes and valuing Afro-Brazilian identities, offering schools pathways to promote a more plural and equitable education.

**Keywords:** black women's literature; structural racism; anti-racist education.

## Introdução

A literatura desempenha um papel fundamental na sociedade, pois expressa vivências e experiências coletivas e individuais a partir da perspectiva de quem a produz. Durante muito tempo, sob a influência de visões eurocêntricas, a literatura foi responsável por representar os povos africanos e afrodescendentes por meio do olhar do colonizador. Essa perspectiva contribuiu para a disseminação de imagens distorcidas e estereotipadas acerca desses povos e de suas culturas. Nesse contexto, a literatura afrodescendente de autoria feminina assume especial relevância, pois oferece novas visões que buscam retratar essas comunidades a partir das próprias experiências de mulheres negras, construídas sob sua perspectiva e sensibilidade.

Historicamente, as populações de origem africana foram privadas de se autorrepresentar, enquanto as narrativas dominantes perpetuavam a visão europeia e colonial sobre suas identidades e modos de vida. De acordo com Homi K. Bhabha (2013), as culturas “vêm a ser representadas em virtude dos processos de interação e tradução através dos quais seus significados são endereçados de forma bastante vicária – por meio de – um Outro” (Bhabha, 2013, p. 105). Essa representação mediada apaga qualquer reivindicação de autenticidade e favorece a hierarquização das culturas, legitimando a ascendência das que detêm o poder.

A construção identitária baseada nesse “Outro” produz visões estereotipadas e preconceituosas que, por séculos, vêm sendo reproduzidas nas estruturas sociais, educacionais e simbólicas. Nesse sentido, a literatura de autoria negra e feminina emerge como espaço de resistência e resignificação, pois possibilita o acesso a perspectivas que valorizam as experiências e vivências das mulheres negras e reconfiguram o lugar do sujeito negro na narrativa literária e na História.

Ainda hoje, a mulher negra enfrenta formas múltiplas de opressão resultantes da intersecção entre raça e gênero. É nesse contexto que se insere a produção literária de Odailta Alves, escritora negra, recifense, cuja obra se caracteriza por uma escrita crítica e engajada, voltada à denúncia das desigualdades estruturais e à valorização da identidade afrobrasileira. Como destaca Oliveira (2020), trata-se de uma “literatura posicionada e crítica que confronta o status quo da sociedade brasileira do embranquecimento, racista, colonialista, classista e heteronormativa”. Ainda de acordo com a autora supracitada, pode-se dizer que a literatura de Odailta Alves assume, portanto, o compromisso com as questões raciais e sociais, convocando o leitor a romper com os silêncios do racismo, do machismo e de outras formas de exclusão que atravessam as relações humanas e institucionais. Sua voz literária mobiliza reflexões e sentimentos diante das diversas opressões ainda presentes na sociedade contemporânea. Dessa forma, sua escrita articula múltiplas problemáticas sociais e propõe uma reflexão crítica sobre as estruturas de desigualdade e exclusão.

Diante desse contexto, questiona-se: de que modo o conto “Minha vida de escola”, de Odailta Alves, representa as desigualdades raciais e sociais vivenciadas pela população negra, especialmente a partir das experiências da infância e da escola? O presente artigo tem como objetivo central analisar

as desigualdades vivenciadas pela população negra expressas no conto “Minha vida de escola”, de Odailta Alves. Além disso, o estudo discute as representações da infância, do racismo e das identidades culturais no conto, compreendendo a imaginação como possibilidade de escape diante de uma realidade marcada pela exclusão. A análise evidencia, ainda, as limitações impostas pelo racismo estrutural às possibilidades de ascensão social e econômica da população negra, refletindo sobre o papel da literatura como instrumento de denúncia, resistência e formação humanizadora no contexto educacional.

## 1 Referencial teórico

A literatura afrobrasileira de autoria feminina tem se consolidado como um importante espaço de reconstrução de memórias, afirmação identitária e resistência frente às estruturas históricas de exclusão e silenciamento. Ao trazer para o centro da narrativa a voz dos afrodescendentes, essa produção literária rompe com a lógica colonial, que por séculos, negou a população negra o direito de autorrepresentação e de construção dos seus próprios discursos sobre o mundo.

Conforme aponta Conceição Evaristo (2005), a escrita de mulheres negras é uma forma de “escrivência”, isto é, uma escrita que nasce das experiências de vida, da ancestralidade e das dores e alegrias do cotidiano. Nessa perspectiva, a literatura produzida por mulheres negras não se limita à expressão estética, mas assume um caráter político, ético e pedagógico, questionando as desigualdades raciais e de gênero que estruturam a sociedade brasileira.

Além de ser um instrumento de resistência, essa literatura possibilita a construção de uma nova subjetividade negra feminina, que se contrapõe à representação estereotipada produzida pelo olhar eurocêntrico. Para Homi Bhabha (2013), os processos culturais ocorrem em um “entre-lugar”, um espaço de hibridismo e negociação no qual as identidades são constantemente construídas e reconstruídas. Esse conceito é essencial para compreender como escritoras negras narram suas experiências, reconfiguram as fronteiras entre centro e margem, questionando as narrativas hegemônicas da cultura ocidental.

Compreender a obra de Odailta Alves, portanto, implica reconhecer a literatura como um espaço de enfrentamento e denúncia das opressões estruturais, mas também de reinvenção e afirmação de identidades negras. Sua escrita dialoga com as perspectivas teóricas de Evaristo (2005) e Bhabha (2013), na medida em que questiona as hierarquias culturais e insere a experiência negra como sujeito de conhecimento.

Para compreender o papel da literatura e sua função humanizadora, utilizaram-se como referência os estudos de Antonio Candido (2006), que apontam para a capacidade da literatura de revelar e problematizar experiências sociais e culturais. Além disso, as contribuições teóricas pós-críticas e os estudos culturais permitem articular a obra de Odailta Alves com as questões identitárias e culturais que a atravessam.

A análise foi enriquecida por reflexões pós-coloniais e pós-modernas sobre cultura e

identidade, considerando especialmente os argumentos de Stuart Hall (2006) sobre a natureza transitória das identidades, bem como as contribuições de Homi Bhabha (2013) acerca da representação cultural mediada pelo Outro. Tais abordagens foram fundamentais para compreender como as culturas afrodescendentes foram historicamente negadas e subordinadas às imposições do colonialismo.

Dessa forma, o referencial teórico adotado constituiu o cerne da discussão, orientando a análise do conto “Minha vida de escola” e possibilitando a articulação entre literatura, educação, desigualdade racial e processos identitários.

## 2 Metodologia

O presente estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, entendida, segundo Minayo (2009), como uma abordagem capaz de oferecer subsídios para a análise de fenômenos pouco investigados e para a construção de categorias de interpretação no contexto educacional e social. A escolha por uma pesquisa exploratória se justifica pela necessidade de compreender de forma aprofundada as desigualdades expressas na obra literária analisada, bem como suas implicações no campo da educação e da formação cultural.

O corpus de análise constituiu-se do conto “Minha vida de escola”, da escritora Odailta Alves, selecionado por abordar questões relacionadas à identidade negra, às experiências escolares e à desigualdade racial. A leitura e interpretação do texto foram realizadas à luz do referencial teórico apresentado, com base nas contribuições de Conceição Evaristo (2005), Homi Bhabha (2013), Antonio Candido (2006) e Stuart Hall (2006).

A análise buscou identificar e discutir os elementos narrativos, simbólicos e discursivos presentes na obra, articulando-os às categorias de memória, identidade e resistência. Essa perspectiva possibilitou compreender como a autora constrói uma representação crítica das relações raciais e da experiência educacional de sujeitos negros no contexto brasileiro contemporâneo.

## 3 Literatura negra feminina: desigualdade, resistência, identidade e representação

A compreensão da literatura que orienta este estudo fundamenta-se na concepção de Antonio Candido (2006). Segundo ele,

Arte, e, portanto, a literatura é uma transposição do real para o ilusório, por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combina um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (CANDIDO, 2006, p. 53).

A partir dessa perspectiva, a literatura é entendida como um espaço de representação da

realidade social e natural, permitindo a articulação entre experiências individuais e coletivas. Nesse sentido, a literatura de autoria negra feminina se destaca por constituir um espaço de contestação, protesto e denúncia, oferecendo uma narrativa crítica sobre desigualdades sociais, raciais e de gênero. No conto “Minha vida de escola”, de Odailta Alves, essa função crítica e humanizadora da literatura manifesta-se na forma como a autora constrói a experiência escolar de um menino negro.

A mulher negra, historicamente, enfrenta formas de opressão múltiplas, que decorrem tanto da questão de gênero quanto do racismo estrutural. Assim, a literatura produzida por mulheres negras assume papel central na visibilização dessas experiências, proporcionando uma reflexão sobre os enfrentamentos cotidianos, resistências e estratégias de sobrevivência dessas mulheres. Por meio de suas obras, essas autoras não apenas narram vivências, mas também contribuem para a construção de uma consciência crítica, abrindo caminhos para a educação antirracista e a promoção da equidade social.

Um conceito fundamental para este estudo é o de Escrivência, proposto por Conceição Evaristo (2000; 2005), que permite compreender como a mulher negra se autorrepresenta por meio da literatura. Segundo Evaristo (2020, p. 37), “a autoria de mulher negra coloca textos marcantes em um sistema anteriormente erigido, notadamente, pela autoria de homens e mulheres brancas”. A literatura de autoria negra feminina, nesse sentido, desempenha papel crucial na desconstrução de visões eurocêntricas e patriarcais, que historicamente privilegiam a produção literária de homens brancos. Como aponta Ana Rita Santiago da Silva (2010), é “imprescindível evidenciar alguns caminhos significativos e inovadores que mulheres negras têm percorrido para banir práticas de apagamento de sua escritura, bem como promover representações e discursos literários antipatriarcais e antidiscriminatórios”.

O acesso e o conhecimento dessa produção literária são igualmente importantes para a sociedade em geral. A literatura de mulheres negras permite a ampliação de perspectivas sobre vivências e experiências afrodescendentes, oferecendo uma leitura crítica e plural da realidade.

A produção literária de autoria feminina negra resistiu e continua a resistir às diversas tentativas de silenciamento e apagamento de suas histórias e narrativas. O espaço de escrita literária feminina negra, assim como outras manifestações culturais da população negra, constitui uma forma de resistência frente à hegemonia de perspectivas eurocêntricas. Segundo Silva (2010), “suas obras e textos literários reinventam outras escritas de si/outras pautadas em sonhos de emancipação, de liberdade, de alteridades e de autonomia e se contrapõem (...) a discursos e representações já estabelecidos sobre elas e suas histórias e culturas”. Dessa forma, a literatura de autoria feminina negra assume papel central ao desconstruir discursos e representações que naturalizam a dominação e a exclusão, oferecendo uma narrativa construída a partir das próprias vivências das autoras. As perspectivas dominantes sobre o Outro – entendido como diferente e subordinado – são responsáveis pela propagação de estereótipos e visões distorcidas acerca de diferentes povos e suas culturas.

A literatura negra feminina, por sua vez, propicia novas perspectivas sobre o Outro,

fundamentadas nas experiências e na vivência das próprias autoras, oferecendo uma leitura crítica que desafia os estereótipos e promove a valorização de identidades historicamente marginalizadas.

Conforme ressalta Conceição Evaristo (2009, p. 17), ao refletir sobre o ato de escrever e veicular um texto literário, é essencial considerar a autoria e como ela se manifesta na construção da narrativa:

Tenho concordado com os pesquisadores que afirmam que o ‘ponto de vista’ do texto é o aspecto preponderante na conformação da escrita afro-brasileira. Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma ‘subjatividade’ própria vai construindo a sua escrita, vai ‘inventando, criando’ o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta.

Esse trecho evidencia que a escrita de autoria negra feminina não é neutra, mas profundamente situada, refletindo experiências e vivências específicas de quem escreve. O ponto de vista do texto é moldado por uma subjatividade marcada pelo corpo, gênero e raça, permitindo que a narrativa reconstrua histórias e realidades muitas vezes silenciadas.

Dessa forma, a literatura negra feminina não apenas narra vivências, mas também atua como instrumento de resistência, denunciando desigualdades e estereótipos, ao mesmo tempo em que amplia a compreensão social e educacional sobre as experiências da população negra. Ao reconhecer o corpo e a vivência da autora como elementos centrais na construção do texto, é possível compreender a literatura como um espaço de autorrepresentação, empoderamento e transformação social.

Desse modo, reforça-se que a literatura de autoria negra feminina desempenha um papel fundamental, ao incorporar elementos das experiências e vivências das autoras. Por meio dessa escrita, somos convidados a (re)conhecer seus olhares sobre a vida e o mundo, ampliando nossa compreensão das realidades históricas, sociais e culturais dessas mulheres e das comunidades às quais pertencem.

#### **4 O conto “Minha vida de Escola”, de Odailta Alves, como expressão das vivências negras**

Embora o conto em análise apresente como protagonista e narrador um menino, é relevante considerar que sua autoria pertence a uma mulher negra – Odailta Alves. Essa informação é essencial, pois revela como a escritora, a partir de sua posição social e identitária, constrói uma narrativa que, mesmo assumindo a voz de uma criança, traduz experiências e tensões próprias da vivência negra no Brasil. O olhar da autora atravessa o texto, ressignificando a infância como um

espaço também marcado por desigualdades raciais e por um desejo de pertencimento e transformação.

No conto “Minha vida de escola”, Odailta Alves constrói uma narrativa que evidencia as desigualdades vivenciadas pela população negra desde a infância, articulando imaginação, sonho e realidade adversa. Desde o início, o narrador-personagem apresenta aspectos idealizados de sua vida, conforme pode ser observado no excerto a seguir:

Eu morava numa casa grande, uma enorme piscina, um belo jardim, um lindo campo de futebol; na garagem, tinham sete carros: um para cada dia da semana e, em minha mente, um mundo de sonhos e imaginação. Exatamente dessa forma eu narrava minha vida de novela para meus colegas da segunda série, de uma escola pública, próxima ao bairro onde eu morava (ALVES, 2019, p. 19).

Essas idealizações funcionam como uma estratégia de fuga da realidade, permitindo que a criança ressignifique sua existência e crie um espaço de liberdade em meio à pobreza e às limitações impostas pelo contexto social em que se encontra inserida. O desejo de se sentir incluído e pertencente àquele espaço, cercado por tantos outros estudantes, pode ter sido o fio condutor para tais invenções que versam sobre sua própria vida. Isso porque, como aponta Cida Bento (2022, p. 11), “a escola não era um dos ambientes mais acolhedores para crianças negras como nós. Por anos me senti invisível na sala de aula, como se não fizesse parte daquele lugar”.

Talvez, como forma de se sentir pertencente àquele espaço, o narrador-personagem apresente uma realidade destoante de suas vivências e experiências, a fim de ser acolhido, incluído. Essa tentativa de adequação evidencia o caráter relacional e mutável das identidades, conforme aponta Stuart Hall (2006), ao compreender que elas não são fixas, mas construções históricas e discursivas em constante processo de transformação. Desse modo, o narrador-personagem busca (re)configurar sua própria imagem diante do outro, ajustando-se às expectativas sociais como forma de alcançar pertencimento. A narrativa evidencia, portanto, o uso da inventividade como forma de resistência, como quando o narrador transforma o barraco em uma casa luxuosa e o carro de mão em uma Mercedes, encantando seus colegas com uma realidade imaginada (ALVES, 2019, p. 19).

Além das limitações socioeconômicas, a obra retrata a violência e a insegurança que circundam a vida da população negra, como se observa no trecho: “quando eu estava em casa, vivendo a pobreza de ser eu mesmo, era quase impossível sonhar; mulher, filhos, netos, tinha quase certeza de que os teria (se não fosse engolido pela violência do bairro)” (ALVES, 2019, p. 20). Essa realidade dialoga com dados que evidenciam as desigualdades estruturais enfrentadas cotidianamente pela população negra, que, além de tantos desafios, precisa lidar com o racismo estrutural – elemento que afeta e restringe as possibilidades de ascensão social e econômica. A desigualdade entre pessoas negras e brancas permanece uma constante, sobretudo no acesso à educação e ao mercado de trabalho. No que se refere às oportunidades de ingresso e permanência na escola, à continuidade no

ensino superior e à inserção profissional, essa disparidade ainda se faz fortemente presente em nossa sociedade. Djamilia Ribeiro (2019) ressaltava que uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert), em parceria com a Aliança Jurídica pela Equidade Racial, revelou a baixa representatividade de pessoas negras no campo jurídico: elas não chegam a compor 1% entre advogados e sócios de escritórios, e representam menos de 10% entre os estagiários.

Com base nos dados apresentados, observa-se a profunda desigualdade existente entre pessoas negras e brancas no que diz respeito às oportunidades de empregabilidade. Essa disparidade revela a persistência de estruturas racistas que limitam o acesso da população negra a melhores condições de trabalho e renda. Segundo Bento (2022, p. 25), “[...] a população negra trabalha mais e ganha menos em todos os estados do Brasil – a média é de 30% menos em comparação com os não negros, sendo as mulheres negras o grupo mais afetado [...]”.

Além disso, o conto aborda também a questão da violência, elemento estrutural que atravessa as experiências da população negra no Brasil. Acerca desse aspecto, Cida Bento (2022, p. 37) salienta que “um jovem negro é assassinado a cada 23 minutos, caracterizando o que o movimento negro define como genocídio da população negra”. Diante desse cenário, constata-se que o conto em análise representa de forma contundente os desafios e as adversidades enfrentados pela população negra, revelando as marcas do racismo estrutural e suas implicações na construção das identidades e das relações sociais. Essa tensão entre realidade e representação se manifesta de modo expressivo na voz do narrador-personagem, que vivencia a dualidade entre o desejo de pertencimento e a consciência de sua condição social. Tal conflito é evidenciado no trecho a seguir:

Junto aos meus colegas de escola, eu era Jonas Jr., filho único de dona Ana, proprietária de uma loja no Shopping, e de seu Jonas, advogado. Em casa, eu sou Jonas, o quarto filho de uma mãe negra, solteira. Nunca morei em outro bairro, nem em outra casa. Minha mãe pagava cem reais de aluguel do barraco e todos dormíamos juntos, como uma família unida na miséria e na tristeza. Meu pai nunca existiu, nem os outros pais dos meus irmãos, minha mãe engravidava do vento, e este passava rapidamente, enchendo minha mãe de nova vida e secando os nossos estômagos (ALVES, 2019, p. 22).

O trecho evidencia a construção de identidades múltiplas pelo narrador-personagem, que se apresenta de maneira diferente perante colegas de escola e no espaço doméstico. Conforme a perspectiva de Stuart Hall (2006), as identidades não são fixas, mas transitórias, constituem-se de forma dinâmica e relacional, atravessadas por contextos sociais, históricos e culturais. Nesse sentido, Jonas Jr., “filho único de dona Ana, proprietária de uma loja no Shopping, e de seu Jonas, advogado”, representa uma tentativa de adequação a um espaço social alheio à sua realidade, enquanto Jonas, “o quarto filho de uma mãe negra, solteira”, revela a vivência concreta da pobreza e das desigualdades raciais. A narrativa, escrita por uma autora negra, permite que essas múltiplas camadas de identidade reflitam as tensões impostas pelo racismo estrutural e pelas desigualdades

socioeconômicas, mostrando como o sujeito negro precisa negociar constantemente sua posição social e sua visibilidade. Dessa forma, a escrita de Odailta Alves articula experiências individuais e coletivas, oferecendo ao leitor uma visão crítica das adversidades enfrentadas pela população negra desde a infância. Além disso, o conto evidencia a dimensão afetiva e imaginativa do narrador, que recorre à fantasia como estratégia de resistência diante das adversidades vividas. A idealização de sua vida escolar e familiar – representada pelo contraste entre Jonas Jr. e Jonas – revela um esforço de criar narrativas que ofereçam pertencimento, reconhecimento e esperança, mesmo em meio à pobreza e à marginalização social. Essa articulação entre sonho e realidade permite que a experiência individual do narrador dialogue com questões coletivas, mostrando como a literatura de autoria negra feminina transforma vivências pessoais em reflexões críticas sobre estruturas sociais injustas.

Ao longo do conto, essa tensão se intensifica, culminando na ruptura com o imaginário infantil e na confrontação com a realidade concreta, como evidencia o próprio narrador: “Tive que matar meus contos de fadas e acordar para os espinhos da vida e a poluição das águas que me banham desde que eu era semente” (ALVES, 2019, p. 22-23). Essa trajetória narrativa evidencia que a literatura de autoria negra feminina não apenas narra experiências sociais e individuais, mas também constrói um espaço de resistência e autorrepresentação, desafiando estereótipos e oferecendo novas perspectivas sobre a vida da população negra.

### Considerações finais

A literatura de autoria negra feminina desempenha um papel fundamental ao desconstruir visões eurocêtricas e patriarcais, apresentando narrativas que refletem as experiências e vivências das autoras. O conto “Minha vida de escola”, de Odailta Alves, evidencia como desigualdades sociais, econômicas e raciais impactam a vida de crianças negras, ao mesmo tempo em que a imaginação e a inventividade funcionam como estratégias de resistência e autorrepresentação.

Assim, a literatura negra feminina não apenas amplia perspectivas sobre experiências historicamente marginalizadas, mas também cumpre um papel educativo e social, oferecendo aos leitores uma compreensão crítica da realidade e promovendo a valorização das identidades afrodescendentes.

A análise evidencia que a literatura de autoria negra feminina desempenha papel relevante na desconstrução de estereótipos e na valorização das identidades afrobrasileiras, oferecendo à escola caminhos para a promoção de uma educação mais plural e equitativa. Assim, o conto de Odailta Alves revela-se não apenas como expressão artística, mas também como instrumento de reflexão crítica sobre o racismo estrutural e as desigualdades históricas que atravessam o espaço escolar.

### Referências

ALVES, Odailta. **Escrevivências**. Paulista, PE: Castanha Mecânica, 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da Branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Loureço de Limas Reis, Gláucia Renete Gonçalves. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. 2006.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora**. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: **Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo** / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes.-- 1. ed.-- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 27-46.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVEIRA, Malu. **Odailta: uma escritora de "letras pretas"**. Terra literária. 2020. Disponível em: Odailta Alves, uma escritora de "letras pretas" | Terra Literaria. Acesso em 12 mai. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Ana Rita Santiago da. **Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações**. Fólio - Revista de Letras. Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 20-37, jan./jun. 2010.